



2301 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 06 - Formação de Professores

O CONTATO COM AS CRIANÇAS COMO REESTRUTURADOR DAS COMPREENSÕES DE CUIDADO E EDUCAÇÃO
Roseli de Fátima Rech Pilonetto - UNIOESTE
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES E FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA

Neste texto, analiso como o contato com as crianças nas instituições de educação infantil em situação de estágio supervisionado reestrutura compreensões de cuidado e educação. Trata-se de uma pesquisa realizada em um curso de formação inicial de professores, pedagogia, de uma instituição pública de ensino superior do estado do Paraná. Início com a contextualização da pesquisa, o campo investigado, as categorizações realizadas a partir dos dados empíricos e entrevistas realizadas. Em seguida, apresento os dados e as análises produzidas alicerçadas pelos autores que compõem a base teórica da investigação. As considerações são constituídas ao longo da escrita deste texto, alinhadas pelas compreensões produzidas pelos acadêmicos estagiários de cuidado e educação no contato com as crianças durante os estágios supervisionados em educação infantil. Barbosa (2006), Guimarães (2011), Dahlberg, Moss, Pence (2003) são alguns dos autores que sustentam a discussão.

Palavras-chave: Formação de professores; Estágio supervisionado; Pedagogia.

O CONTATO COM AS CRIANÇAS COMO REESTRUTURADOR DAS COMPREENSÕES DE CUIDADO E EDUCAÇÃO

Resumo: Neste texto, analiso como o contato com as crianças nas instituições de educação infantil em situação de estágio supervisionado reestrutura compreensões de cuidado e educação. Trata-se de uma pesquisa realizada em um curso de formação inicial de professores, pedagogia, de uma instituição pública de ensino superior do estado do Paraná. Início com a contextualização da pesquisa, o campo investigado, as categorizações realizadas a partir dos dados empíricos e entrevistas realizadas. Em seguida, apresento os dados e as análises produzidas alicerçadas pelos autores que compõem a base teórica da investigação. As considerações são constituídas ao longo da escrita deste texto, alinhadas pelas compreensões produzidas pelos acadêmicos estagiários de cuidado e educação no contato com as crianças durante os estágios supervisionados em educação infantil. Barbosa (2006), Guimarães (2011), Dahlberg, Moss, Pence (2003) são alguns dos autores que sustentam a discussão.

Palavras-chave: Formação de professores; Estágio supervisionado; Pedagogia.

Este texto é parte dos resultados da tese de doutorado em Educação, a qual defende que as compreensões de cuidado e educação de acadêmicos estagiários e professores orientadores são *estruturadas, desestruturadas e reestruturadas* em contexto de estágio supervisionado em Educação Infantil.

Para esta escrita apresento os dados empíricos extraídos dos documentos pedagógicos denominados "Relatos de Experiência da Prática de ensino e pesquisa sob forma de Estágio Supervisionado III", o qual identifica a disciplina de estágio supervisionado do curso investigado de formação inicial de professores em Pedagogia. Trata-se de um documento em que os acadêmicos estagiários do 3º do curso produzem como resultado final de suas atividades desenvolvidas durante um ano letivo em instituições de educação infantil públicas.

As compreensões produzidas no decorrer da pesquisa compartilhadas neste texto, expressam, entre dados, estudos teóricos e análises, como o contato com as crianças nas instituições de educação infantil problematiza, questiona e reflete a formação de professores, em específico a *cuidado e educação*, foco de estudo. Início com a contextualização da pesquisa, o campo investigado e os dados empíricos selecionados para análise neste texto. Em seguida, apresento os dados e as análises produzidas alicerçadas pelos autores que compõem a base teórica da investigação. As considerações são constituídas ao longo da escrita alinhadas pelas compreensões produzidas pelos acadêmicos estagiários de cuidado e educação no contato com as crianças durante os estágios supervisionados em educação infantil.

Os dados aqui apresentados decorrem do trabalho de formação inicial de professores em curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior pública do Paraná na disciplina de Prática de ensino e pesquisa sob forma de estágio supervisionado III em que atuo, a qual desenvolve suas atividades em instituições públicas de educação infantil do município sede do curso investigado. Utilizo como recorte temporal os anos de 2010 a 2014 que representam a integralização do Projeto político-pedagógico (2007) do curso, além de selecionar os trabalhos desenvolvidos com crianças de berçário e maternal e professores orientadores que acompanharam por mais de dois anos, considerando o período investigado, as orientações de estágio na educação infantil. Selecionei 3 (três) professores orientadores – PO, que foram entrevistados sobre sua compreensão de cuidado e educação e os encaminhamentos durante as orientações de estágios de seus orientados. Esses professores orientadores possuem graduação em pedagogia e perspectivas teórico-metodológicas diferentes (pedagogia histórico-crítica, sociologia da infância, construtivismo).

Nesse contexto, centro o foco de análise da pesquisa sobre a compreensão de cuidado e educação de acadêmicos estagiários em documentos pedagógicos denominados Relatos de Experiência da prática de Ensino e Pesquisa sob a forma de estágio supervisionado III - RE. Tais relatos expressam as atividades desenvolvidas para a formação inicial de professores de educação infantil elaboradas pelos acadêmicos estagiários e seus professores orientadores.

O quadro a seguir apresenta o material empírico analisado:

Quadro 1 – Relação dos Documentos Pedagógicos analisados e professores orientadores

	Professores Orientadores			Total
Documentos Pedagógicos	PO1	PO2	PO3	3

	RE1	RE2	RE4	
Relatos de Experiência -	RE7	RE3	RE10	
	RE8	RE5	RE11	
RE	RE9	RE6		
Total	4	4	3	11

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Em relação ao processo de organização dos Relatos de Experiência, cabe informar que os 11 Relatos foram lidos, um a um, e deles destacados os aspectos que se reportavam ao cuidado e educação, seja nos conceitos a partir da fundamentação teórico-metodológica, na relação desses na descrição do planejamento diário e nos aspectos relevantes da experiência em regência produzida no memorial descritivo.

No processo de análise, dos três pontos do RE: Fundamentação Teórico-Metodológica – FTM, Planejamento Diário – PD e Memorial Descritivo da Regência – MDR, os dois primeiros foram escritos pelos acadêmicos estagiários antes da regência nas instituições de educação infantil, e o último após o contato com as crianças – a regência.

Na escrita dos MDR, os acadêmicos estagiários demonstram a desestruturação de suas compreensões de cuidado e educação que são, pelo contato com as crianças permeadas, inter-relacionadas durante a ação pedagógica. É nesse trecho dos relatos de experiência que organizo os argumentos desse texto: a escrita e reflexão da vivência com as crianças reestrutura a compreensão de cuidado e educação dos acadêmicos estagiários.

A experiência com as crianças nas instituições de educação infantil demonstra que, a partir da escrita dos MDR, a relação adulto e criança vivida ao longo do estágio promove problematizações, construções e reconstruções, perguntas e provocações que a teoria sozinha se constituiu limitada. A discussão e reflexão sobre a compreensão de cuidado e educação está presente nos Relatos de Experiência dos acadêmicos estagiários assim como a educação na instituição, constituindo-se aspectos presentes e relevantes nos textos analisados.

Há uma preocupação dos acadêmicos com o ensino, com a criança como aluno, com o processo de ensino-aprendizagem, com a transmissão de conteúdos, demonstrando a presença e importância do professor como organizador e condutor do desenvolvimento da criança. Os acadêmicos estagiários se apresentam nas instituições de educação infantil para a regência com uma organização prévia de "como deve ser a aula", com passos definidos, organizados, planejados e descritos, na expectativa de mostrar para a instituição e para seu professor orientador que aprendeu como ser professor de educação infantil. Mas percebo que a presença da criança na ação pedagógica desestrutura essas compreensões e, muitas vezes, o que a própria teoria lhe apresentou. E o que isso promove no acadêmico estagiário?

Na presença da criança, na ação pedagógica realizada na regência, o acadêmico estagiário experiencia a estruturação de suas compreensões, reforçadas pela academia, e as desestrutura quando do contato com a criança. E o que vem depois? Sua formação encerra-se nessa desestruturação ou outras compreensões são manifestadas pelos acadêmicos estagiários?

Na escrita dos Relatos de Experiência não aparece referência etimológica ou epistemológica aos termos cuidado e educação, mas apenas a sua inerência à ação pedagógica que é conduzida pelos professores nas instituições de educação infantil. É pertinente ressaltar que as compreensões de cuidado e educação são construídas a partir da fundamentação teórico-pedagógica que norteia o curso de Pedagogia investigado, tendo como principal referência a pedagogia histórico-crítica. Mas, nas experiências vividas com as crianças, brechas surgem para a compreensão de um cuidado e educação de forma relacionada e articulada, para além do discurso de que cuidado e educação estão juntos, são indissociáveis, porém entendidos como distintos e, ainda, em graus de valoração específicos.

Nessa direção, o estudo etimológico e epistemológico das palavras cuidado e cuidar é fundamental para que o professor se dispa de informações vinculadas a certo senso comum ainda presente tanto nos espaços de formação como nas instituições de educação infantil. Entendo que é preciso alargar, ampliar, reconstituir sentidos e significados em torno dos termos cuidado e cuidar. E, para isso, minha aposta é de que as pedagogias da infância oferecem possibilidades para reconstituir nossas percepções, especialmente os estudos que colocam a criança como sujeito ativo nos processos de cuidado do corpo, de contato e comunicação com o mundo e com os outros.

Assim, há algumas experiências significativas nesse campo, como as que vêm sendo sistematizadas por Tardos e Falk (2010), sobre a experiência de Lóczy. Também os estudos de Parker-Rees (2010) sobre comunicação primária, ou as posições pedagógicas e filosóficas produzidas por Nörnberg (2016), quando refere elementos para a construção de uma pedagogia do contato, são inspiradores para reconstituir nossas concepções e compreensões em torno do cuidado e da educação, em contextos de formação de professores.

O Memorial Descritivo da Regência - MDR, que compõe o Relato de Experiência é escrito após o contato com as crianças nos Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIs em que os acadêmicos estagiários expressam a compreensão de cuidado e educação vivenciada nas instituições, com as crianças, e refletem sobre a sua formação ao longo dos três anos de estudos na graduação. Revelam os medos, angústias, certezas, dúvidas e provocações que o contato com a sala de aula e o exercício da profissão apresentam. Também demonstram as fragilidades e potencialidades do curso de formação de professores de educação infantil, o curso de Pedagogia.

Fiz as discussões das compreensões expressas nos Memoriais Descritivos da Regência a partir do cuidado e educação, pois ao longo da sua leitura percebi que a singularidade da convivência com as crianças revelava uma compreensão de cuidado e educação desestruturada e imbricada pelas compreensões de criança e infância, instituições de educação infantil, formação de professores e ação pedagógica. Para iniciar o processo de reflexão, destaco o seguinte registro: "Em relação às atividades de higiene realizadas no banheiro [...] havia sempre algumas que nos estranhavam, choravam e para acalmá-las eu contava histórias, cantava, conversava com elas e assim estes procedimentos acabavam sendo prazerosos. (RE3/2010)".

Relatar a vivência com as crianças fez os acadêmicos estagiários pensarem na relação entre adulto e criança em contexto de educação infantil e expressarem as compreensões de cuidado e educação. Percebo que o cuidado está presente nos aspectos físicos (higiene, alimentação, sono), mas, ao possibilitarem o diálogo entre eles e com as crianças, esse movimento pedagógico de troca entre sujeitos permitiu relações de confiança, aprendizagem e respeito. É explícita a compreensão dos acadêmicos estagiários de que é preciso ensinar as crianças, principalmente por meio de atividades por eles organizadas, na ânsia de mostrarem que são bons professores, competentes para ensinar algo durante o estágio supervisionado. O que em seguida é revelado pelas escritas dos Memoriais Descritivos da Regência demonstra que a presença da criança mostra aos acadêmicos estagiários que outras ensinagens aparecem quando se escuta e vê a criança em suas diferentes manifestações.

A preocupação com a educação por meio da organização do trabalho do professor na preparação da aula e da sala de aula é uma constante nos Relatos de Experiência dos acadêmicos estagiários, coerente com a preocupação de ensinar na educação infantil. Contudo tal preocupação não se apresenta de forma linear – professor e aluno –, mas na presença das características da criança que brinca e explora o mundo.

Dessa maneira, os acadêmicos estagiários indicam como positivo os momentos em que as crianças respondem às atividades propostas: identificam os animais trabalhados, reconhecem os sons dos animais, as cores. Isso representa a preocupação com o ensinar e o aprender na

educação infantil, expressos pelos conteúdos que foram trabalhados com as crianças. Mostram-se surpresos com a reação das crianças diante de atividades propostas que, para os acadêmicos estagiários, seriam difíceis para elas. Cito: “Me chamou a atenção o aluno Vinícius, ele pegou um livrinho, sentou e ficou folhando as páginas e observando as imagens, como se estivesse lendo (RE5/2011)”.

Os momentos de educação e cuidado são revelados pelos acadêmicos estagiários e se misturam no cotidiano na educação infantil. Há uma preocupação em não alterar a forma de conduzir atividades de rotina com as crianças, principalmente as que se referem ao cuidado com a alimentação, a higiene e o sono. Esses momentos são seguidos à risca para não provocar surpresas para as professoras regentes quando do término do estágio. Um exemplo é o que ocorre quando a rotina mobilizada pela ação do professor orientador altera a ação de cuidado com as crianças durante a alimentação, gerando desconforto, pois, conforme tinham sido alertadas pela estagiária^[1] da turma, os momentos de alimentação, sono e troca deveriam ser respeitados em sua maneira de ser realizados. Vejamos o relato abaixo:

A hora do almoço foi um pouco tumultuada, pois alimentamos as crianças nas cadeirinhas, segundo a orientação da professora [...] e como nos outros dias a estagiária nos falou que deveríamos alimentá-los no colo, para não mudar a rotina. Foi algo diferente para nós e para as crianças, pois não estávamos acostumados com isso. (RE5/2011).

As ações descritas acima trazem como foco o que fora planejado, e o dia positivo ocorre quando a atividade é realizada da maneira planejada com as crianças, prestando a atenção nas professoras e nas dinâmicas previamente estabelecidas entre os adultos. A educação na educação infantil se revela no ensino de conteúdos às crianças.

Os acadêmicos estagiários descrevem as atividades desenvolvidas e citam a participação constante das crianças nas atividades. As ações descritas, inclusive nos momentos de higienização, são apresentadas com a interação das crianças e entre os acadêmicos estagiários através de conversa. Relatam as ações de cuidado, informando a diferença de idade: as crianças que precisam de auxílio e as que já possuem autonomia.

A presença do ensinar na educação infantil identifica-se com as ideias apresentadas por Martins (2009) e sustenta a principal base teórico-pedagógica presente no curso de Pedagogia investigado, a pedagogia histórico-crítica. A autora afirma que “não há que se esperar desenvolvimento para que se ensine; há que se ensinar para que haja desenvolvimento” (MARTINS, 2009, p. 100). Essa intencionalidade perpassa os Relatos de Experiência, contudo, percebo que a presença das crianças e a sua demonstração de desejos, vontades, necessidades colocam os acadêmicos estagiários em situação de desconforto e os fazem priorizar as crianças, conforme relata o RE6/2010 acima. Uma estrutura de compreensão de cuidado e educação que é desestruturada pela presença/ação da criança.

Em um dos MDR, os acadêmicos estagiários usam o título “As dificuldades para se ensinar no berçário” para refletir sobre o estágio supervisionado, relacionando com autores da educação infantil. A problematização do texto centra-se na dificuldade de ensinar no berçário ou de trabalhar atividades intencionais com as crianças. As justificativas apresentadas são a falta de formação dos professores, conhecimentos teóricos em relação ao desenvolvimento das crianças desde sua tenra idade, e o reconhecimento de que os bebês estão aptos a aprender desde o nascimento (RE7/2013).

Apenas o reconhecimento de que o bebê é capaz de aprender é o suficiente para que se desenvolva uma ação pedagógica coerente nas instituições de educação infantil? Reconhecer que ele – o bebê – aprende significa ensiná-lo com “moldes” ou “nuances” do ensino fundamental? Parece-me que não. Reconhecer que o bebê aprende e que sua presença no berçário da instituição de educação infantil é fato requer olhar esse espaço como acolhimento de alguém que estava num local aconchegado – a família – e que, agora, se encontra em outro, a princípio, constituído de estranhos. Para Nörnberg (2013, p. 103), a ação pedagógica no berçário:

se organiza pelas formas humanas que o corpo produz: o contato, o toque, o olhar, a escuta, o embalar, o mostrar, o segurar, o alimentar. No cotidiano da instituição infantil, do berço ao berçário, estão a força e a vitalidade das relações entre bebês e destes com os adultos, lugar de (re)criação pedagógica.

O berçário é um espaço que ainda precisa ser conhecido pelos acadêmicos estagiários como espaço e tempo de escuta e partilha entre criança e adulto no cuidado e educação. Um dos acadêmicos estagiários discute sua participação na instituição de educação infantil refletindo o cuidado e a educação como momentos indissociáveis. O cuidado é visto como “intenção pedagógica”: “Cuidar e educar é ter uma ação pedagógica consciente, [...] significa compreender que o espaço/tempo em que a criança vive exige seu esforço particular e a mediação dos adultos como forma de proporcionar ambientes que estimulem a curiosidade com consciência e responsabilidade. (RE8/2012)”.

As reflexões e compreensões de cuidado e educação apresentadas no RE8 trazem elementos significativos de um sentido de cuidado e educação indissociáveis, para além do atendimento físico e biológico da criança; fazem referência e partem da presença singular da criança nas instituições de educação infantil, como sujeito de cuidado e educação, que se torna ator e construtor de seu aprendizado, sendo ativa na exploração e experimentação do mundo. É uma criança constituída de desejos, sentidos, sentimentos, expectativas para com o mundo, que se relaciona consigo, ao descobrir-se com seu próprio corpo e pelo contato com o outro. Essas compreensões manifestadas no RE8 demonstram que a partir da experiência com as crianças no contexto de estágio supervisionado reflexões diferentes são provocadas, distintas das que possuía antes dessa experiência. É propício dizer que a intencionalidade pedagógica mencionada no Relato de Experiência transcende a ação pedagógica dirigida, linear, direcionada, em que polarizações são constituídas: professor versus aluno, senso comum versus conhecimento, corpo versus mente, razão versus emoção.

Assim, defendo que o contato com a criança, o ser e estar em sua presença, o atuar com ela, provoca, além de desestruturas nas compreensões dos acadêmicos estagiários, reestruturas do cuidado e educação na sua formação. A reflexão sobre o cuidado e educação a partir do contato, da ação pedagógica com as crianças, permite que os acadêmicos estagiários repensem a compreensão de criança, infância e o contato com ela.

Os registros dos MDR apresentam a preocupação com o ensino, com a condução das ações por parte dos acadêmicos estagiários, mas também com o tempo da rotina das crianças, a qual não poderia ser alterado, como exemplo, o horário do sono dos bebês. Porém, também provoca a problematização do estar com as crianças, da rotina nas instituições de educação infantil, da ação pedagógica do professor, do acolhimento da criança, da formação de professores, muitas vezes cristalizadas e inflexíveis em relação aos interesses e necessidades das crianças, centradas apenas nas obrigações e vontades dos adultos.

Em alguns MDR, o tema central de discussão é a prática pedagógica do professor pautada na tríade cuidar-educar-brincar, também manifestada em alguns dos textos de Fundamentação Teórico-Metodológica dos RE. Com essa compreensão, o brincar é incluído ao cuidar e educar, pois os acadêmicos estagiários percebem que o brincar tem sido deixado em segundo plano em instituições de educação infantil. Há uma preocupação com a aquisição de conhecimentos acumulados pela humanidade a serem transmitidos às crianças e o brincar desaparece da infância. Muitas vezes a brincadeira é utilizada apenas em momentos de “folga” ou como merecimento pelo comportamento das crianças.

Os acadêmicos estagiários afirmam que o educar e cuidar constitui a natureza da educação infantil e apostam que a brincadeira é um caminho para o educar na educação infantil, pois através dela pode-se intervir pedagogicamente, afinal, “não podemos separar cuidar-educar-brincar porque um serve de base para o outro, e o professor deve compreender isso como fundamental no processo de ensino-aprendizagem” (RE10/2014).

Alguns MDR problematizam a rotina da instituição de educação infantil e argumentam que esta “limita” as ações com as crianças. E também revelam o quanto as ações voltadas ao cuidado são compreendidas como “perdas de tempo”; mas, na contramão, as crianças demonstram a importância desses momentos para elas ao se manifestarem com risos, comentários, falas, gestos; expressões que são produzidas quando são tocadas, ouvidas, observadas pelos educadores. Isso mostra que a escrita do que experienciamos mobiliza reflexões sobre a ação, sobre o que se sabe e, ainda, sobre o que é possível compreender. Nos excertos dos MDR, imbricam-se compreensões de criança, infância, formação de professores, ação pedagógica e instituições. Nessa relação, é interessante ver a desestruturação dos acadêmicos estagiários sobre suas compreensões de cuidado e educação e como tais compreensões envolvem o processo de sua formação.

É prazeroso perceber que este curso de Pedagogia, campo empírico e meu espaço de trabalho, problematiza conceitos e metodologias com os acadêmicos estagiários. Mesmo considerando que há uma perspectiva teórico-pedagógica – a pedagogia histórico-crítica – que se sobressai, no curso de graduação investigado os elementos desta perspectiva também são pontos de preocupação e questionamento por parte dos acadêmicos estagiários. Exemplos de desestruturação das compreensões de cuidado e educação a partir do contato com as crianças podem ser encontrados em registros em que os acadêmicos estagiários fazem observações sobre situações transcorridas em aula com as crianças: “Começamos a tarde deixando alguns colchões no chão que aproveitamos para contar histórias e brincar de rolar [...] demos a elas espaço para manifestar suas opiniões a respeito das professoras estagiárias, das brincadeiras e na maioria das vezes a resposta veio em um gesto de carinho e afeto (RE3/2010)”.

Os excertos acima exemplificam como a presença, o contato, a participação da criança desestrutura e reestrutura compreensões quando da valorização dessa criança que é “rica”, que não precisa de permissão do adulto para aprender, é ativa e competente (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003). Numa perspectiva construcionista social, a linguagem é vista como produtiva e a criança é quem faz a sua construção. A aprendizagem não é tratada como um ato individual, decorrente de uma transmissão de conhecimentos preordenados, mas

uma atividade cooperativa e comunicativa, na qual as crianças constroem, dão significado ao mundo, junto com os adultos e, igualmente importante, com outras crianças: por isso enfatizamos que a criança pequena, como aprendiz, é um co-construtor ativo (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 72).

Possibilitar a relação adulto/criança na ação pedagógica desestruturou o que estava tão organizado para a aula dos acadêmicos estagiários (RE3/2010) a ponto de perceberem que, ao brincar, os assuntos/temas/conteúdos preparados no planejamento tornaram-se elementos secundários na relação pedagógica.

As situações descritas nos MDR demonstram situações de cuidado “na perspectiva de atenção ao outro” (GUIMARÃES, 2011, p. 54) não apenas em momentos de higiene, mas na observação e escuta da criança, em sua manifestação gestual, corporal, verbal. Outros excertos reafirmam isso:

O problema foi que acho que esquecemos que estávamos lidando com crianças tão pequenas, [...] nada de colar papel, nada de formar uma árvore, ficaram eufóricas e queriam os balões de todo jeito, [...] o jeito foi deixar com que brincassem com os balões e depois da festa tivemos que partir para outra atividade (RE4/2010).

No trecho acima, as crianças mostram aos acadêmicos estagiários que elas são crianças e não alunos em contexto de uma aprendizagem rígida, formatada: eu ensino, vocês (alunos) fazem a atividade planejada e aprendem. Mas a criança se apresenta como ativa e disposta a explorar o mundo, a estar-junto com o outro e, para isso, precisa ser vista.

Observar a criança na educação infantil permitiu aos acadêmicos estagiários ouvi-la, mesmo quando a criança não falava, algo fundamental na relação adulto/criança. A escuta do outro – a criança – e a experimentação na educação infantil permitem que a criança aprenda, desenvolva-se, interaja, explore a si e ao mundo. Autores que fundamentam minha opção por pedagogias da infância compreendem que a ação pedagógica perpassa a ideia de “que as construções da infância e das crianças são produtos da prática; em outras palavras, o trabalho pedagógico é o produto de quem pensamos que a criança pequena seja” (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 75). Com esse enfoque, o trabalho do professor de educação infantil em uma compreensão construcionista social se caracteriza por possibilitar à criança a produção de construções alternativas antes de tê-las pré-estabelecidas. Essa ação demanda do professor a capacidade de ouvir as ideias, teorias e hipóteses das crianças com respeito, curiosidade e admiração.

A aposta está em que a criança consiga, em seu processo de individualização, ter autocontrole ou autonomia com relação às suas escolhas individuais ou coletivas, bem como a responsabilidade de si e de suas possibilidades. Tais possibilidades requerem que os pequenos tenham habilidades de aprendizagem, autorreflexão e comunicação para criarem processos não lineares nem isolados de aprendizagem. À pedagogia cabe proporcionar espaços de possibilidades de modos de conhecimento críticos, reflexivos e criativos.

A importância do contato com o contexto das instituições de educação infantil, especialmente com as crianças, demonstra que, para além do que aprendemos ou ensinamos em um curso de graduação, a experiência com o cotidiano da profissão apresenta novos elementos para reflexão, permite “pensar como agir”.

O cuidado do outro também se manifesta na presença, mesmo que sentida “de canto de olho”, no contato afetivo do toque, na expressão fácil de um sorriso, sem dizer uma palavra, mas no fazer-se presença. Reporto-me a Nörnberg (2016) quando afirma que uma das dimensões da ética do cuidado se apresenta no cotidiano da sociabilidade (estar-junto) e sensibilidade que mobiliza as pessoas a vincularem-se na busca de soluções de problemas.

Deixar a criança se manifestar, ou prestar atenção na sua manifestação, produz na ação pedagógica a relação mútua entre criança e professor e a deflagração de momentos educativos conjuntos. Nos excertos acima, a presença da criança como coconstrutora, cidadã, agente, membro do grupo indica um “pedagogo poderoso, capaz de produzir teorias interessantes e desafiadoras, compreensões, perguntas” (MOSS, 2005, p. 242).

Os acadêmicos estagiários entendem que o primeiro ano de vida da criança deve ser um momento de grande estimulação, organizado e pensado com base teórica, explorando os cinco sentidos da criança. Para isso, buscaram uma articulação entre a rotina e as atividades intencionais de ensino-aprendizagem, o que permitiu a reflexão sobre o planejamento das atividades, revelou o tempo das crianças nas ações e a reorganização do planejar flexibilizado.

A reflexão sobre a relação com as crianças, feita pelos acadêmicos estagiários, demonstra também a preocupação com sua formação como professores. Os MDR abordam a formação, seus sentidos e o que é ser professor a partir da experiência de trabalho e contato com a criança.

A desestruturação de suas compreensões traduz reflexos na formação quando da escolha de ser professor, dos limites, possibilidades, problemas e alegrias que o estar-junto com as crianças pode viabilizar. A referência de que a presença na instituição de educação infantil problematiza a formação de professores quanto aos conteúdos, teorias e discussões é um elemento que precisa ser abordado pelos docentes dos cursos para reestruturar opções teórico-pedagógicas, ações formativas, disciplinas, conteúdos que constituem o curso. O fato é que a relação da universidade com as instituições e, igualmente, com as crianças, se faz fundamental no processo de formação dos professores.

Os MDR elaborados a partir da experiência de docência indicam elementos da convivência adulto-criança, da escolha pelo curso de Pedagogia, do cotidiano da docência (o que trabalhar, como fazê-lo), das problemáticas (administrativas e pedagógicas) das instituições e também do curso de formação, especialmente sobre a relação universidade e escola, e o exercício da profissão professor.

Os acadêmicos estagiários também relatam momentos importantes das crianças durante as brincadeiras livres como em atividades direcionadas. Ao manifestarem alegria, participação, criatividade, explorando objetos e ambientes, as crianças expressam o significado de estar na educação infantil e como a formação de professores precisa estar atenta à compreensão de cuidado e educação trabalhada nos cursos de formação de professores.

Muitos excertos se referem a momentos em que a liberdade foi proporcionada às crianças e isso indica a participação efetiva delas no espaço infantil, o que deixa os acadêmicos estagiários satisfeitos com seu trabalho na educação infantil. Mesmo inseguros ao realizar ações pedagógicas relativas à alimentação, higiene, segurança das crianças, ao perceberem que a criança está feliz e segura, desenvolvendo-se, pensando, tranquilizam-se e reconhecem-se como bons professores. Esses momentos são problematizados quanto à formação de professores de maneira geral, a do curso de Pedagogia e a dos professores que estão nas instituições de educação infantil. Relatam os acadêmicos estagiários: “[...] o próprio curso de formação deixa a desejar, principalmente com relação a educação infantil, pois não existe uma preparação mais aprofundada que prepare o profissional para trabalhar com crianças pequenas (RE4/2010)”.

O excerto acima indica a compreensão de cuidado sentida na instituição de educação infantil ao afirmar que o professor não sabe brincar com as crianças e que o cuidado, possivelmente, esteja atrelado aos cuidados físicos e biológicos de maneira corriqueira. Atividades de cuidado desse tipo são importantes para a criança e precisam ser feitas. Porém, a presença adulto-criança nesse momento, a participação no cuidado físico e biológico do corpo, o contato, o diálogo diferenciam-se de uma simples troca de fraldas, como indica Nörnberg (2016, p. 89), pois “gestos e ações compartilhadas produzem sentimentos de segurança e pertença que estão vinculados ao contexto e à familiaridade dos relacionamentos estabelecidos”.

A presença corresponsável do professor de educação infantil solicita atenção à criança, ao que é inerente a sua profissão, ou seja, o estudo, a reflexão sobre seu trabalho. Nesse sentido, os MDR mencionam: “É primordial uma prática contínua de observação, registro, reflexão e intervenção no espaço e no tempo educativo no CMEI (RE6/2011).

A crítica à formação de professores de educação infantil é pertinente e pontua elementos que precisam ser estudados ou aprofundados nos cursos de graduação em pedagogia, especialmente o cuidado e a educação. Ao observar que nas instituições de educação infantil o cuidado do corpo (alimentação, higiene e sono) tem prioridade, os acadêmicos estagiários provocam o curso de formação de professores a pensar sobre o que estão discutindo, a refletir sobre que experiências têm propiciado para a problematização de práticas realizadas com as crianças. Certamente, a formação de professores, especialmente a pedagogia, precisa debruçar-se no estudo da educação infantil, da criança, infância, das instituições e do cuidado e educação.

Ser professor de educação infantil requer uma formação teórica sólida sobre a criança, seu desenvolvimento. Entretanto, o que percebi, analisando os registros nos MDR, é que a experiência com a criança proporciona outro olhar sobre ela, que passa a ser vista como uma pessoa que se manifesta pela fala, gesto, atitudes. É a criança que mostra ao professor, ao adulto, sua potencialidade, seu limite, seu avanço.

A análise das compreensões de cuidado e educação apresentadas neste texto a partir da pesquisa realizada com os acadêmicos estagiários e professores orientadores me fez pensar sobre as perspectivas teórico-pedagógicas, pedagogia histórico-crítica e pedagogias da infância. A primeira assumida claramente pelo curso de Pedagogia investigado, e a segunda entendida como uma possibilidade de ampliação das compreensões de cuidado e educação. Os dados da empiria e as entrevistas com professores orientadores demonstram um “entre” essas perspectivas teóricas não se coloca como um vazio a ser preenchido, com algo novo que supere as limitações da formação dos acadêmicos estagiários ou suas compreensões de cuidado e educação investigados na pesquisa. Mas trata-se de uma dinâmica do trabalho de formação de professores de educação infantil, desenvolvido no curso de Pedagogia mencionado, em contexto de estágio, onde desestruturas e reestruturas são constituídas pelos acadêmicos estagiários e professores orientadores. É o que o trecho a seguir também mostra: “Quando a gente fala da formação humana, pensando a formação humana como um todo, [...] esquece de olhar a formação humana na educação infantil [...] minha tese é sobre isso, mas eu nunca escrevi pensando na criança pequena, sempre pensando no sujeito já maior, não sei porquê” (PO1/2016).

Há uma escolha pela pedagogia histórico-crítica, conforme expressa na entrevista, que ainda pensa a formação do sujeito maior. Essa caracterização é visualizada nos Relatos de Experiência, em que o ensino aparece com intensidade para a defesa da educação infantil; o papel do professor como mediador e planejador do processo de ensino-aprendizagem; a instituição de educação infantil como local com função social determinada.

No entanto, também há outro olhar sobre o cuidado e a educação, manifestado como possibilidade pelo professor orientador 2, que se utiliza da sociologia da infância para problematizar as compreensões dos acadêmicos estagiários, tanto em sua disciplina como nas orientações de estágio supervisionado que diz: “Quando a gente começa [...] a pensar quem é esse grupo de crianças com quem eu estou trabalhando, a gente começa a perceber: ‘bom, não é só elencar ali a atividade do professor’” (PO2, 2016). Não há a exclusão dos estudos da psicologia histórico cultural por parte desse professor, mas há a tentativa de ampliar a discussão com os acadêmicos estagiários. Na entrevista, ainda afirma: “já faz algum tempo que assumi no trabalho, tanto na minha disciplina quanto no trabalho de orientação de estágio, alguns enfoques muito mais centrados nessas perspectivas teóricas para que elas possam pensar a infância e pensar as práticas pedagógicas voltadas para a infância” (PO2/2016).

Em sua entrevista, PO3 indica os estudos piagetianos e o brincar como elementos para pensar o cuidado e educação na educação infantil. Sua tentativa centra-se em mostrar aos acadêmicos estagiários a importância do trabalho com as crianças voltada aos aspectos afetivo, cognitivo, motor e social, conforme sustentam os trabalhos de Piaget: “Elas tinham mais facilidade para a questão cognitiva. Talvez [...] aquela ideia de adiantar para escola, [...] ensinar a escrever, preocupação maior da escola” (PO3/2016).

Assim, entre duas perspectivas teórico-pedagógicas se faz o movimento de formação de professores de educação infantil no curso de Pedagogia pesquisado que não está na escolha de uma ou outra, mas na possibilidade de compreender o cuidado e a educação na formação a partir de diferentes aspectos mobilizados, desde perspectivas que constituem o processo formativo e que são desestruturados no encontro com as crianças na instituição de educação infantil.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: ARTMED, 2006. 240 p.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter. PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003. 164 p.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011. 213 p.

MARTINS, Lígia Márcia. O ensino e o desenvolvimento infantil de zero a três anos. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (Orgs.). **Ensinando aos pequenos de 0 a 3 anos**. Campinas/SP: Alinea, 2009. 93-122 p.

MOSS, Peter. Reconciliando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.) **Encontros e desencontros em educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 235-248.

NÖRNBERG, Marta. Do berço ao berçário. A instituição como morada e lugar de contato. In: DELGADO, Ana Cristina Coll; MARTINS FILHO, Altino José. Apresentação do dossiê "Bebês e crianças bem pequenas em contextos coletivos de educação". **Pro-Posições** [online]. 2013, vol. 24, n. 3, p. 21-30.

NÖRNBERG, Marta. Quando educas, está cuidando das formas da ética do cuidado na instituição educativa. In: FEITOSA, Débora Alves; DORNELES, Malvina do Amaral; BERGAMASCHI, Maria Aparecida (orgs). **O sensível e a sensibilidade na pesquisa em educação** Cruz das Almas/BA: UFRB, 2016. P.109-128.

PARKER-REES, Rod. Comunicação primária. O que os adultos aprender sobre os bebês? In: MOYLES, Janet. **Fundamentos da educação infantil**: enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 39-51.

TARDOS, Anna. La mano de la educadora. In: FALK, Judith. **Lóczy, educación infantil**. 2 ed. Barcelona: Octaedro. 2010. p. 59-67.

UNIOESTE. Resolução n. 374/2007 – CEPE. **Aprova alteração do Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia – campus de Francisco Beltrão**, 13 de dezembro de 2007.

[1] Nomenclatura dada às estudantes de graduação contratadas temporariamente.